

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Cresce o desmatamento

Um aumento de 15% no desmatamento da Amazônia e a mudança do perfil do desmatador – agora o pequeno e o médio proprietários assentados – são os dados mais relevantes do relatório que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulga nesta segunda-feira com o levantamento relativo ao biênio 1999-2000. Nesse período, foram desmatados 19.836 quilômetros quadrados na região, contra 17.259 nos dois anos anteriores.

Trata-se, na avaliação do Ministério do Meio Ambiente, de péssima notícia. A Taxa de Desflorestamento Bruto – este é o termo técnico – da Amazônia, é um termômetro do desempenho do governo na área ambiental. A decepção é maior porque havia a expectativa de que, pela primeira vez em 16 anos, fosse registrada uma redução e não um aumento. Desde 1985, quando o Inpe começou a fazer esses levantamentos, a Taxa de Desflorestamento Bruto vem apresentando altos e baixos, mas nunca deixou de avançar.

Agora, quando mais uma vez não se consegue recuo da taxa, além da repercussão internacional negativa, o governo brasileiro confronta-se com a evidência de que está diante de um problema ainda sem solução.

E pior: que pode estar caminhando para o descontrole, justamente por causa da transferência do peso maior do desmatamento dos grandes para os pequenos proprietários, já que isso dificulta a fiscalização. Grandes extensões de terra podem ser controladas por satélites, mas as pequenas sequer aparecem nas fotografias e o Ibama evidentemente não tem fiscais suficientes para vigiar palmo a palmo uma região como a Amazônia.

O ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, nutre a esperança de que na próxima medição algumas providências que tomou possam alterar o quadro. Por exemplo, o aumento das multas máximas para crimes ambientais, de R\$ 4.900 para R\$ 50 milhões, de modo a inibir a ação das madeireiras e um decreto conjunto com o Incra proibindo assentamentos em áreas de florestas e entorno de parques da Amazônia.


Esses assentamentos do Incra – e em número bem menor, também do MST – são os grandes vilões do desmatamento. O documento do Inpe mostra que a Taxa de Desflorestamento Bruto é maior nas propriedades com menos de 50 hectares. No levantamento anterior, as propriedades de mais de 1.000 hectares eram responsáveis por 13,6% da área desmatada e, neste último apanhado, o índice desceu para 10,9%.

A mesma comparação, quando feita levando em conta as terras de 15 a 50 hectares, mostra que o desmatamento cresceu de 24% para 25,1%. Mas o aumento foi mais acentuado mesmo nas pequenas propriedades, com menos de 15 hectares: de 10,8% no biênio 1998-1999, para 14,7% em 1999-2000.

“Antes, o grande proprietário desmatava para pasto e plantio, mas essas terras são detectadas pelos satélites, o que facilita a fiscalização e a punição, já chegamos a multar madeireiras em R\$ 22 milhões. Mas sobre os pequenos, numa extensão enorme como a Amazônia, esse tipo de ação é extremamente difícil”, aponta Sarney Filho.

Mas o ministro diz que o relatório do Inpe não traz apenas más notícias. De acordo com o levantamento, as queimadas diminuíram muito. Os incêndios em parques e florestas tiveram redução de 86% em relação ao dado anterior: de 5.464 ocorrências, em 1999, para 722 em 2000. Nas outras áreas, cuja jurisdição pertence ao Ministério da Agricultura, a redução das queimadas foi de 16%.

Os dados parciais do relatório estarão disponíveis hoje no site do Ministério do Meio Ambiente.

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	JB
Data	12/5/2001 Pg 2.
Class.	346